'Bullying' aumenta nas escolas

A violência/intimidação nas escolas entre alunos está a aumentar. O fenómeno, conhecido por bullying assume variadas formas e graus de gravidade. Os danos provocados podem deixar marcar difíceis de apagar.

Joana tem dez anos e frequenta o 5.º ano do Ensino Básico num estabelecimento escolar da Região. Quase todos os dias, antes de ir para a escola, conta os poucos cêntimos que a mãe lhe dá para comprar 'gorilas'. A compra é 'obrigatória' para satisfazer a chantagem de alguns colegas. Sem as pastilhas elásticas a sua presença no recreio é complicada.

O exemplo fica entre muitos outros que poderiam ser apresentados - com contornos e graus de gravidade variados – que são reveladores de comportamentos agressivos, sistemáticos e intencionais de crianças e jovens sobre colegas. A vítima, por alguma razão, não consegue defender-se: por estar em minoria, ser mais pequeno, ter menos força ou apresentar alguma fragilidade psicológica.

O fenómeno conhecido por 'bullying' está a aumentar nas escolas portuguesas. O último relatório sobre violência escolar em Portugal, relativo a 2007, regista 1092 casos de agressão ou tentativa de agressão entre alunos, 138 de roubo e 160 de difamação ou insulto. À estatística escapam os casos que ficaram em silêncio. A vítima e as testemunhas não contam com medo das represálias.

“O 'bullying' é uma expressão inglesa de tradução controversa para português. Apesar de não existir consenso sobre a definição, pode ser considerado um ataque. Os estudiosos tentaram uma correlação com expressões como: “abusar dos colegas, vitimizar e intimidar”, explica a professora da Universidade da Madeira Alice Mendonça, doutorada em Sociologia da Educação.

Na Região, conforme diz, “o fenómeno não se disseminou. Há casos pontuais, mas em países mais desenvolvidos é uma realidade”

Com maior incidência nas áreas urbanas e suburbanas, apresenta uma série de tipologias. A mais comum entre os rapazes é a agressão física: bater, pontapear, empurrar, 'tirar' objectos pessoais... Mas poderão ser ofensas verbais ou mesmo atemorização.

“Actualmente também se fazem ameaças pelo telemóvel, por 'e-mail' e nos 'chats'. Muitas vezes, a vítima não sabe quem é o agressor e por isso recusa-se ir à escola com receio do que lhe possa acontecer”, alerta.

O 'bullying' pode também assumir-se como exclusão social: não querer a participação de um colega no grupo, não lhe falar, discriminá-lo e/ou humilhá-lo. Pode ainda assumir formas indirectas como espalhar boatos maldosos, divulgar segredos ou fazer chantagem. “Este tipo é muito comum entre as raparigas e é muito difícil de reconhecer. Nos grupos etários mais baixos a intimidação é sobretudo física. Nos adolescentes assume formas mais relacionais e indirectas”, acrescenta a entrevistada.

Quem agride pretende domínio, poder. “Por vezes, para os alunos que reprovam, e não conseguem lidar com a frustração, esta é uma forma de obter afirmação, mas não podemos generalizar”.

Há factores de risco que podem levar à prática da intimidação, como ter uma personalidade facilmente irritável, ser agressivo e insatisfeito. “Estes alunos são em geral muito hábeis na manipulação social, têm grande confiança em si próprios, querem ter sempre razão. São frequentemente indisciplinados e perturbadores.”

Conforme explica, há factores familiares que podem ser determinantes para o desencadear destes comportamentos, como gozar de elevado prestígio social e sentir-se impune, ou o prestígio social ser negativo e querer conquistar afirmação. As famílias disfuncionais, destituídas de afecto, onde existe violência e a disciplina é inconsistente propiciam o aparecimento destas atitudes.

Mas há também factores de risco que podem fazer da criança um alvo, como ter poucos amigos, demonstrar insegurança e medo, ser portador de alguma deficiência, apresentar necessidades educativas especiais, ser deprimido e ter baixa auto-estima.

Nas situações de 'bullying' os elementos presentes desempenham diferentes papéis. Existem as vítimas, que podem ser passivas ou agressivas/provocadoras, se tentam retaliar quando são atacadas. Noutra posição estão os intimidadores: os líderes e os seguidores, ou seja, os que tomam a iniciativa e os que seguem. “Aos seguidores convém-lhes ter um estatuto de agressor dentro da escola. É uma forma de demonstrar poder”, explica a professora.

Há também os que assumem a posição de reforçadores, que incentivam os intimidadores e gozam da vítima e ainda as testemunhas que ficam silenciosas e se afastam. “Acabam por sofrer, porque têm remorsos pelo seu silêncio mas sabem que se falarem são as próximas vítimas.”

Alice Mendonça diz que a incidência é muito variável. “Encontramos indícios de potenciais vítimas em crianças entre os quatro e os cinco anos. São as crianças extremamente tímidas, que se remetem aos cantinhos e têm dificuldade em fazer amigos. Ao contrário, encontramos outras, entre os seis e

os oito anos que são potenciais agressores, que conseguem manipular os colegas.”

Nas escolas, os locais privilegiados para a intimidação são os menos vigiados, como os recreios, as casas de banho e os balneários. Na perspectiva de Alice Mendonça, o 'bullying' generaliza-se no recreio “porque é um local pouco valorizado pelas escolas. Considera-se que não é um espaço educativo, mas apenas de diversão. Nas faixas etárias mais elevadas os recreios não têm meios de distracção e os alunos ficam a conversar. Como não têm nada interessante para fazer, começam por empurrar o colega, chamam nomes, importunam. Uma forma de evitar estas situações será promover uma maior vigilância”, aconselha.

As consequências – salienta- não são só imediatas, como a longo prazo. A vítima vive em ansiedade, tem medo, fica desatenta nas aulas, tem queixas físicas, inventa desculpas para não ir à escola e por vezes fica com depressão. “Quando é bom aluno o seu desempenho vai diminuindo. Cresce com sentimentos negativos, sobretudo com baixa auto-estima e poderá tornar-se num adulto com problemas de relacionamento, exposto à rejeição e agressão social”.

Saber se o filho está a ser alvo de brincadeiras de mau gosto na escola, se tem alguma alcunha, se anda triste e não tem amigos, se tem pesadelos, se é muito agressivo, são modos de prevenir o aparecimento de uma vítima ou de um agressor, adverte.

“A atenção e o diálogo dos pais é importante. Em qualquer dos casos as situações resolvem-se conversando. Nem a vítima nem o agressor conseguem resolver a sua situação sozinhos. A escola pode ajudar promovendo competências sociais, cívicas e educativas, com recurso a leituras, filmes que demonstrem a realidade, de modo a que os alunos fiquem sensibilizados com o papel da vítima. Considera também que pedir aos alunos depoimentos anónimos pode ajudar a revelar situações complicadas.

FIM